

haymarket, chicago, 1º de maio de 1886

hugo fontana

a anarquia no banco do réus

No princípio houve uma greve à qual aderiram mais de 65 mil trabalhadores... Na verdade, tudo havia começado muito antes, no início e nos meados do século, quando os trabalhadores lutavam para reduzir sua jornada de trabalho, primeiro para dez horas, logo depois para oito.

No final do século XIX, já permanecia na memória do movimento operário as greves dos carpinteiros e dos calafetadores de Boston de 1832; as greves de 1868 e 1869 pelo país afora; as primeiras tentativas de organização da filial da Associação Internacional dos Trabalhadores que os imigrantes alemães levaram adiante entre 1870 e 1871; a greve que cem mil trabalhadores nova-iorquinos declararam no terrível inverno de 1873–1874; as grandes greves dos empregados das ferrovias de 1877 que, como disse o espanhol Ricardo Mella, “foram o indubitável

Hugo Fontana é escritor e jornalista uruguaio. Publicou contos, poesias, romances e ensaios. Esse texto faz parte do livro: Hugo Fontana. Las mil questionnes del día: trece historias de anarquistas. Montevideu, Alter Edicioness, 2014.

início do conflito entre o capital e o trabalho”. Depois de se estabelecer em 1880, a Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e do Canadá combinou, em Chicago, que em 1º de maio de 1886 seria declarada uma greve geral em favor das oito horas diárias.

Aquele dia foi uma jornada de festa na qual os grevistas passaram com suas mulheres e filhos pelas ensolaradas e ruidosas ruas do centro. Em ocasiões semelhantes as pessoas se detinham nas esquinas para escutar os oradores, entre os quais sempre se destacavam Albert Parsons, o alemão August Spies, e algumas vezes o peregrino Johann Most, um homem altivo e fervoroso que, fugindo de mais de uma desventura europeia, tinha chegado a Nova Iorque e continuado com uma intensa atividade de agitação cultivada desde a longínqua época em que compartilhava sonhos e amizade com homens como Mikhail Bakunin e Élisée Reclus.

Na realidade, Most queria ter sido ator de teatro em sua juventude, mas uma misteriosa cicatriz, que atravessava sua face esquerda e que ele tentava, tão persistente, quanto infrutiferamente, ocultar sob uma barba espessa, fizera com que ele desistisse de tal vocação e deslocasse suas virtudes histriônicas para a oratória – terreno em que ele se mostrava particularmente eficaz. Era um homem bonito, de cabeça larga, testa alta, topete erguido. Costumava definir sua atitude combativa e a dos amigos com frases carregadas de metáforas ferozes. “Temos mesclado aos clarões dos raios um grito apaixonado e selvagem”, repetia em alguns comícios para explicar a poderosa força que os impulsionava.

Até então, Most já havia publicado dois folhetos com os títulos “A Besta da Propriedade” e “A Ciência revolucionária: Manual de instruções para o uso e a fabricação de

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

nitroglicerina e dinamite, algodão de pólvora, fulminato de mercúrio, bombas, espoletas, venenos, etc. etc.”, que seduziram boa parte do proletariado imigrante e que o tinham convertido em um indivíduo com um excepcional poder de convocação, capaz de mobilizar milhares de trabalhadores em busca de reivindicações, tais como um salário justo e uma jornada de trabalho mais humana.

Parsons, por sua vez, era, entre tantos europeus, um dos poucos dirigentes sindicais nascidos nos Estados Unidos. Provinha de um dos estados do *deep South* e estava casado com uma belíssima mulata costureira de profissão com quem costumava cantar velhas toadas sulistas¹. Ele e Most, com algumas diferenças estratégicas e como bons polemistas que eram intentaram aproximar suas posições mais de uma vez: o primeiro era um obstinado partidário da organização e da luta sindical, e o segundo se inclinava com fervor à propaganda e à ação individual. Most editava em Nova Iorque um semanário em alemão, o *Freiheit*² (Liberdade), e Parsons publicava em Chicago o periódico *O Alarme*, com o qual convocava os trabalhadores com lemas incendiários e elementares como: “Nas atuais circunstâncias, a única solução é a força”, ou, “até agora nenhuma classe dominante renunciou à sua tirania, e tampouco os capitalistas de hoje deixarão escapar seus privilégios e seu poder senão se os forçarem a isso”.

nosso grito de guerra

Frente a um robusto grupo de trabalhadores alemães e judeus reunidos nos portões na Universidade de Illinois, a duas quadras do lago Michigan, empoleirado em um pequeno caixote de madeira, com a mão direita fazendo

uma viseira para proteger seus olhos dos raios do sol e a esquerda ao lado da boca como um alto-falante, Spies, que editava o *Arbeiter Zeitung* (Jornal do Trabalhador), repetiu que ele e seus companheiros estavam dispostos a fazer um chamado aos assalariados para que se armassem e pudessem “esgrimir contra seus exploradores o único argumento eficaz, a violência”. A cada uma de suas frases, os homens e as mulheres que o rodeavam levantavam os braços em sinal de aprovação, mesmo sabendo que atrás deles, nas ruas adjacentes e inclusive dentro do recinto universitário, centenas de policiais e investigadores privados da agência Pinkerton estavam vigiando, armados até os dentes e à espera da menor provocação para intervir de imediato. “Morte aos inimigos da raça humana! Esse é nosso grito de guerra!”, exclamou Spies ao encerrar seu discurso, gerando uma compacta ovação.

Ao cair da tarde, chegou aos sindicalistas a notícia de que a tripulação de umas trezentas embarcações carregadas de madeira, estacionadas nas docas do rio Potomac, havia aderido às mobilizações. Os gestos de apoio começaram a chegar dos mais diversos lugares e da maioria das federações: marceneiros, sapateiros, ferroviários, metalúrgicos, empregados de restaurantes e hoteleiros, fizeram conhecer sua intenção de apoiar uma convocação à greve geral. Simultaneamente, em um dos hotéis do centro da cidade, reuniam-se patrões e autoridades políticas e policiais, alarmados diante das dimensões das ações e dispostos a traçar um plano para acabar com elas.

Na segunda-feira, dia 3, a polícia arremeteu contra uma reunião de madeireiros a meio quilometro da fábrica de ceifadeiras McCormik, de onde três meses antes

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

tinham sido despedidos mais de dois mil trabalhadores por terem se negado a abandonar suas organizações; houve quatro mortos e vários feridos. Spies escreveu um panfleto clamando por vingança e convocando para o dia seguinte uma concentração no velho Haymarket da Rua Randolph.

Na manhã de terça-feira, dia 4, a polícia atacou uma coluna de mais de três mil trabalhadores, mas eles seguiram sua marcha. Ao cair da tarde, uma multidão se reuniu na praça Haymarket: falaram Spies, Parsons e Samuel Fielden, e, antes que este último terminasse seu discurso empoleirado no teto de uma carruagem, veio desde o lago próximo um vento cálido e tênue e começou a chover serenamente.

As mãos para o alto, a voz penetrante, as últimas palavras: quando Fielden olhou para seus atentos ouvintes encontrou-se rodeado por cento e cinquenta policiais encabeçados pelo inspetor John Blonfield, que lhe ordenava silenciar-se e retirar-se imediatamente do lugar se não quisesse ser arrancado à bala. Nesse momento, uma bomba explodiu no meio dos agentes: um morto e sessenta e seis feridos, dos quais sete faleceram nos dias seguintes. A polícia abriu fogo provocando dezenas de mortos e mais de duzentos feridos. Nunca se soube quem tinha deixado cair o artefato explosivo e talvez pouco importou no momento de se vingar.

No decorrer da semana, e no meio de uma feroz campanha jornalística, a polícia foi prendendo os sindicalistas mais destacados: Spies, Fielden, Michel Schwab, Adolph Fischer, George Engel, Louis Lingg e Oscar Neebe, além de vários gráficos e outros dirigentes.

Também estavam acusados Parsons, Rodolfo Schmaubelt – a quem se indicava como o homem que tinha lançado a bomba e a quem nunca puderam prender – e William Seliger, que acabou negociando com a polícia e foi rapidamente colocado em liberdade.

o caçador oculto

Quando explodiu a bomba, Albert Parsons estava reunido com alguns de seus companheiros em um salão próximo, o Zept Hall, e, quatro dias mais tarde, a polícia, que já tinha detido o resto dos acusados, se dispôs a remover céus e terra até encontrá-lo e prendê-lo, não encontrou seu paradeiro.

Percebendo-se em perigo, Parsons passou a primeira noite na casa de um marceneiro italiano de nome Brancatti, na Rua Pullman, e, a poucos minutos do amanhecer, quando já tinha se despedido de seu anfitrião e dirigido seus passos para as docas do lago, lá chegou a polícia para buscá-lo.

Deambulou boa parte do dia tratando de conseguir informações sobre o que estava ocorrendo. Alguns companheiros avisaram-no das maciças detenções e ofereceram-lhe dinheiro para que saísse do Estado. Aceitou umas moedas com as quais pagou um frugal almoço e se dirigiu a seguir até um dos locais sindicais, onde foi alertado de que toda a polícia da cidade estava em seu encalço.

Pernoitou ao ar livre, protegido sob algumas espessas árvores do Parque Evergreen. Dormiu umas duas ou três horas, inquieto pelo ruído das ruas próximas: carros e cavalos, latidos lamentosos de cachorros vagabundos, o

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

vento chicoteando as copas mais altas. Decidiu ir para o lado norte pela Avenida Cícaro, sempre atento à aparição de alguma patrulha. No meio da manhã, atravessou à frente dos portões da Universidade de Illinois e andou pela Rua 31 até a praia. Ali passou quase toda a tarde olhando o brilho da água, o luminoso aço da superfície. Pouco antes do crepúsculo, compareceu na gráfica onde editava *O Alarme* e entrou por uma porta traseira tomando as maiores precauções. Encontrou um par de amigos que também lhe ofereceram dinheiro. Um deles o levou para sua casa no boulevard La Grange, emprestou-lhe roupa e alimentou-o com fartura. Permaneceu oculto durante três dias. No quarto dia, um destacamento policial entrou no lugar a sangue e fogo, destruiu portas, paredes e móveis, mas ele não estava mais ali.

A essa altura todos os seus companheiros estavam atrás das grades. Os titulares da imprensa oficial eram categóricos: “Bestas sangrentas”, “Rufiões vermelhos”, “Fabricantes de bombas”, “Anarcodinamitadores”. Nada de novo e altissonante; deve-se considerar que o *Chicago Herald* publicava habitualmente frases como: “Quando um mendigo te pede pão, coloque veneno ou arsênico para que não te moleste mais”. Parsons, de pé frente a uma banca de jornal, leu parágrafos de algumas das primeiras páginas. O *Chicago Herald* dizia: “A gentalha, instigada a matar por Spies e Fielden, não se compõe de americanos. São os dejetos da Europa que chegaram a estas costas para abusar da hospitalidade e desafiar a autoridade desta nação”. O *Chicago Journal* dizia: “Deveria rapidamente se fazer justiça com estes anarquistas. A lei deste Estado é tão clara em relação à cumplicidade com um crime que os julgamentos serão breves”.

Parsons passou um par de dias em uma reserva florestal nos arredores de Chicago. A temperatura era agradável. Comeu frutas, que de vez em quando roubava de algumas plantações próximas, e foi logo ajeitando seus passos em direção à Carpentersville, onde vivia um marinheiro mercante de origem alemã. Ficou refugiado em um escuro e úmido sótão outros três ou quatro dias, durante os quais se inteirou de novos ataques. Os periódicos informavam da requisição de arsenais capazes de levar uma nação à guerra e de ganhá-la em um par de dias: munições, fuzis, espadas, torpedos, dinamite, bombas. Um dos matutinos alertou a polícia e a população de que Most partira de Nova Iorque para se colocar à frente das hordas anarquistas. Montou-se uma gigantesca operação na central de trens, mas o orador não chegou.

Finalmente, Parsons conseguiu afastar-se do Estado por algumas semanas, mas quando pôde se inteirar do começo do julgamento dos seus companheiros, tomou uma decisão que ele mesmo, em uma de suas últimas cartas, explicou com estas palavras: “Quando vi que se tinha marcado o dia da audiência deste processo, julgando-me inocente e sentindo assim mesmo que meu dever era estar do lado de meus companheiros e, se fosse preciso, subir com eles ao cadafalso; que meu dever era também defender os direitos dos trabalhadores e a causa da liberdade, e combater a opressão, regressei sem vacilar a esta cidade. Como voltei? Isto é interessante, mas me falta tempo para explicar. Fui desde Wankesha até Milwaukee, tomei o trem de Saint-Paul na estação deste último ponto pela manhã e cheguei a Chicago por volta das oito e meia. Dirigi-me à casa de minha amiga Miss Ames, na Rua de Morgan. Pedi para chamar minha mulher e conversei com

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

ela por algum tempo. Avisei o Capitão Blanck que estava aqui pronto a me apresentar e ser preso. Ele me respondeu que estava disposto a me receber. Vim e o encontrei na porta deste edifício, subimos juntos e compareci diante deste tribunal”.

Quando começava o interrogatório preliminar aos candidatos convocados para formar o júri que se encarregaria de pronunciar-se sobre o caso do Estado contra os “Rufiões Vermelhos”, Parsons abriu as portas do tribunal, atravessou a enorme sala em meio a uns trinta agentes da polícia que o tinham procurado desesperadamente durante as últimas seis semanas, e foi se sentar no banco dos acusados junto a seus irmãos Spies, Schwab, Fielden, Fischer, Engel, Lingg e Neebe.

o banquete da vida

Apesar das reiteradas demandas da defesa, que obrigaram a repetidos atrasos na seleção dos jurados e para a qual foram examinados 981 candidatos, o julgamento começou no final de julho. Os jurados escutaram as equivocadas testemunhas – na maioria pagas pela própria polícia e pelo ministério público – e deliberaram durante vinte e um dias. O fiscal Grinnell formara uma fantástica história pela qual acusava os anarquistas de terem escolhido aquele 1º de maio como data para iniciar a revolução social e destruir, com dinamite na mão, a ordem e as instituições estabelecidas. Deu-lhe bastante trabalho arredondar sua narração, indicar a um e outro como os encarregados de construir a bomba e, em seguida, acender a tocha, assim como atribuir responsabilidades compartimentadas que iam, desde a montagem do aparato propagandístico de

uma obscura e secreta sociedade, até a fabricação e manejo de todo o tipo de explosivos.

“Ao me dirigir a este tribunal o faço como representante de uma classe frente a uma outra classe inimiga”, começou dizendo August Spies, em seu discurso de duas horas diante do júri, para logo completar: “Minha defesa é vossa acusação; meus presumidos crimes são vossa história”. No passo seguinte dedicou-se a contestar os argumentos do fiscal, embora com tamanha sinceridade que pouco fez para se desculpar de algo que não tinha cometido. “Se eu tivesse lançado a bomba ou tivesse sido a causa que a lançasse, ou tivesse sequer sabido de algo disso, não vacilaria em afirmá-lo aqui, certo de que alguns homens morreram e outros mais foram feridos. Mas assim se salvou a vida de centenas de pacíficos cidadãos! Nós temos pregado o uso de dinamite. (...) Aqui se está sobre um vulcão, e lá e acolá e abaixo e ao lado e em toda parte fermenta a revolução. É um fogo subterrâneo que mina tudo”.

“Nós defendemos a anarquia e o comunismo, e por quê? Porque se nós nos calássemos, até as pedras fariam”, sustentou o também alemão Schwab, para em seguida se perguntar: “O que é a anarquia? Um estado social no qual todos os seres humanos trabalham bem pela simples razão de que é o bem e rechaçam o mal porque é o mal. Em uma sociedade assim não são necessários nem as leis nem os mandatos. (...) A anarquia é a ordem sem governo”.

Fischer, nascido na Alemanha, mas residindo nos Estados Unidos desde os dez anos de idade, aprendera o ofício de tipógrafo em Nashville, Tennessee. Com voz ardente reclamou frente ao júri: “Fui tratado aqui como um assassino e apenas se provou que sou um anarquista. (...) Mas se eu

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

hei de ser enforcado por professar as ideias anarquistas, por meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade, então não tenho nada a objetar. Se a morte é a pena correspondente à nossa ardente paixão pela liberdade da espécie humana, então, eu digo isso muito alto: disponham de minha vida”.

E Lingg disse: “Eu repito que sou inimigo da ordem atual, e repito também que a combaterei com todas as minhas forças enquanto ainda tiver fôlego. Declaro outra vez, franca e abertamente, que sou partidário dos meios de força. Disse ao capitão Schaack e o mantenho, que se vocês utilizam contra nós seus fuzis e canhões, nós utilizaremos contra vocês a dinamite. Estão provavelmente rindo, porque estão pensando: ‘Já não lançará mais bombas’. Pois permita-me que lhes assegure que morro feliz, porque estou seguro de que as centenas de trabalhadores a quem falei recordarão minhas palavras, e quando tivermos sido enforcados, eles farão explodir a bomba. Com esta esperança, digo-lhes: os desprezo, desprezo sua ordem, suas leis, sua força, sua autoridade. Enforcuem-me!”.

E George Engel, de 50 anos, disse: “É a primeira vez que compareço diante de um tribunal americano e nele me acusam de assassino. E por que razão estou aqui? Por que razão me acusam de assassino? Pela mesma razão que tive de abandonar a Alemanha: pela pobreza, pela miséria da classe trabalhadora. Aqui também, nesta república livre, no país mais rico do mundo, há muitos trabalhadores que não tem lugar no banquete da vida e como párias sociais arrastam uma vida miserável. Aqui tenho visto seres humanos buscando algo com o que se alimentar nos montões de lixo das ruas”.

E Fielden disse: “É difícil que passem por uma rua onde eu não tenha produzido algo com minhas próprias mãos”.

Em meados de agosto, em uma alocução do fiscal, os acusados tiveram de escutar o seguinte: “A lei está acima do julgamento, a anarquia está submetida ao julgamento. Estes homens foram selecionados, escolhidos pelo Grande Júri e acusados porque eram dirigentes. Não são mais culpados do que os milhares de homens que os seguem. Senhores jurados, declarem culpados estes homens, deem uma lição a eles, pendurem-nos e terão salvo nossas instituições, nossa sociedade”.

Oscar Neebe foi condenado a 15 anos de prisão. Spies, Fischer, Engel, Swchab, Fielden, Lingg e Parsons foram condenados à forca. Quando Neebe se deu conta de sua sentença, exclamou: “Encontraram em minha casa um revólver e uma bandeira vermelha. Provaram que organizei associações operárias, que trabalhei pela redução das horas de trabalho, que fiz o quanto pude para voltar a publicar o *Arbeiter Zeitung*: eis aqui meus delitos. Pois bem, lamento a ideia de que não me enforcem, honoráveis juízes, porque é preferível a morte rápida à morte lenta em que vivemos. Tenho família, tenho filhos que se sabem que seu pai morreu, irão chorá-lo e recolher seu corpo para enterrá-lo. Eles poderão visitar sua tumba, mas, caso contrário, não poderão entrar no presídio para beijar um condenado por um delito que não cometeu. Isto é tudo o que tenho para dizer. Eu lhes suplico. Deixe-me participar da sorte de meus companheiros. Enforque-me com eles!”.

a voz do povo

Se entre tantas coisas que ocorreram com August Spies algo importante faltaria para ele viver durante os meses seguintes no seu cativeiro foi ter conhecido Nina Van Zandt, uma rica herdeira, que começou a frequentar os tribunais por

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

pura curiosidade e que acabou se enamorando perdidamente ao alemão a ponto de finalmente se casar com ele. Assim contou-se no prólogo de um folheto com a autobiografia de Spies publicado tempos depois de sua morte. “Minha simpatia pelos acusados fez germinar em meu coração um princípio de amor pelo senhor Spies, e pouco depois sentia por ele uma imensa paixão. Como amiga encontrava mil obstáculos às minhas visitas; para salvar isso resolvemos que eu declararia ser sua namorada. Mas depois logo soube que apenas as esposas tinham o direito de ver seus maridos fora dos dias regulamentares; (...) desde então Spies e eu resolvemos ser marido e mulher diante da lei”.

Algo similar ocorreu a Louis Lingg, que, enquanto armazenava dinamite em sua cela, recebeu os favores sentimentais de Eda Muller, uma formosa garota que à primeira vista se enamorou do condenado. Pouco antes de novembro de 1887, a polícia confiscou quatro bombas da cela de Lingg, dentre elas “um tubo para gás cheio de dinamite e pedaços de ferro”, segundo conta Mella. “Ao menor choque, explodiria a dinamite, envolvendo vítimas e verdugos em seu efeito destruidor”.

Mais de um ano depois, e pouco antes da programada execução, foi comutada a pena capital de Michael Swchab e de Samuel Fielden para prisão perpétua. Seriam postos em liberdade sete anos mais tarde, quando o novo governador do Estado de Illinois, John P. Altgeld, ordenou revisar o caso e descobriu, um atrás do outro, erros legais que tinham dominado o julgamento: a nenhum dos oitos condenados se conseguiu provar alguma relação com o incidente de Haymarket e com quem tinha acendido o pavio e lançado a famosa bomba.

Em 10 de novembro de 1887, Lingg, com vinte e um anos, fez explodir em sua boca uma cápsula cheia de fulminato de mercúrio. E apesar de ter agonizado durante cinco horas com a cabeça destroçada, obteve o que havia planejado devido a um princípio: não morrer nas mãos de um funcionário do Estado.

No dia seguinte, conhecido como a Sexta-Feira Negra, o verdugo colocou os laços corrediços ao redor dos pescoços de Spies, Fischer, Engel e Parsons e em seguida os encapuzou.

“Saem de suas celas. Se dão as mãos, sorriem”, narrou o correspondente em Chicago do jornal *La Nación* de Buenos Aires, o cubano José Martí. “Leem a sentença a eles, amarram suas mãos nas costas com algemas prateadas, cingem seus braços junto ao corpo com uma faixa de couro e colocam-lhes uma mortalha branca como a túnica dos catecúmenos cristãos... Abaixo, a plateia sentada em uma fileira de cadeiras diante do cadafalso como em um teatro... Serenidade no rosto de Spies, firmeza no de Fischer, orgulho no de Parsons, Engel faz um gracejo em relação ao capuz. (...) Encapuçam-lhes, em seguida um sinal, um ruído, o alçapão cede, os quatro corpos penduram-se e balançam em uma dança espantosa”.

Um segundo antes se tinha escutado a voz de Spies. Ele disse: “Chegará um tempo em que nosso silêncio será mais poderoso do que as vozes que hoje estrangulam”.

E Fischer disse: “Viva a anarquia!”

E Engel disse: “Viva a anarquia!”

E Parsons disse: “Se me permitirão falar, homens da América? Que se ouça a voz do povo!”.

Traduzido do espanhol por Beatriz Scigliano Carneiro.

Haymarket, Chicago, 1º de maio de 1886

Notas

¹ Após a morte do marido, Lucy Parsons acirrou sua militância anarquista e, nos quarenta anos seguintes, participou ativamente da luta pelos direitos civis e da organização dos trabalhadores dos Estados Unidos. Foi ativa defensora das vidas de Sacco e Vanzetti na década de 1920 (N. T.).

² É conhecida a importância que a Tragédia do Haymarket teve na vida de Emma Goldman. Ela está sepultada ao lado de onde estão também enterrados os Mártires de Chicago. Além do impacto do acontecimento, a vida militante de Goldman foi marcada pelo encontro com Johann Most. Como ela mesmo conta em sua autobiografia, no dia de sua chegada aos EUA, uma das poucas coisas que tinha em mãos era precisamente uma edição do *Freiheit*, editado por Most. No mesmo dia 15 de agosto de 1889, assistiu a uma conferência de Most e Alexander Berkman, que viria a ser seu companheiro por toda a vida. Emma Goldman. *Living My Life*. New York, Alfred A Knopf Inc., 1931. Especialmente sobre Most e a relação com o periódico anarquista individualista *Freiheit*, ver capítulos 1, 3 e 7. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-living-my-life> (acesso em: 15/03/3014).

Resumo

Relato que reconstrói o episódio conhecido como a Tragédia do Haymerkt a partir das notícias de jornais da época. Este primeiro de maio marcará, a partir de então, o dia do trabalhador como dia de luta a ser realizado com greves e meetings. Ressalta a decisão e firmeza dos anarquistas condenados e sua recusa em reconhecer a justiça burguesa, expondo a luta que se travava contra os trabalhadores via os tribunais e sua polícia.

Palavras-chave: 1º de maio, imprensa anarquista, Haymarket.

Abstract

The text is a narrative that recalls the episode known as the Haymarket Tragedy taking contemporary newspapers reports as its ground. From that May 1st on this date would be the benchmark to celebrate the worker's day as a day of gatherings and strikes. This narrative highlights the decision and position by the condemned anarchists and their refusal to recognize the bourgeois justice exposing how the police and the criminal law were instruments to fight the work's organization.

Keywords: May 1st, anarchist press, Haymarket Tragedy.

Of the most importance, Hugo Fontana.

Recebido em 11 de dezembro de 2014. Confirmado para publicação em 30 de março de 2015.